

As imagens da moda praia pelos olhos da sociologia do corpo

The images of the beach wear through the eyes of the sociology of the body

Gomes, Renata Vellozo;
Doutoranda da linha de Pesquisa Imagem e Cultura – PPGAV/EBA – UFRJ;
Professora de Artes da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura da
Cidade do Rio de Janeiro, 2ª CRE, renatavgomes@yahoo.com.br

Resumo

O artigo analisa as imagens de dois catálogos de moda praia para o verão de 2014 de duas grifes brasileiras e faz uma correlação com conceitos de dois autores de referência da sociologia do corpo na atualidade.

Palavras Chave: moda praia, imagem, verão 2014, sociologia do corpo

Abstract

The aim of the article is to analyse the pictures of two Brazilian beach wear gift catalogues from the past 2014 summer season. These pictures will be related with the concepts of two important authors of today's sociology of the body.

Keywords: beach wear, pictures, summer season 2014, sociology of the body

INTRODUÇÃO

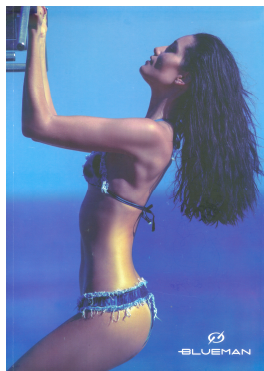
O objetivo desse artigo é apresentar um exercício de análise das imagens dos últimos catálogos de moda praia Verão 2014 de duas conhecidas grifes brasileiras e investigar as expressões das diversidades e desigualdades sociais contidas nessas imagens. Como metodologia adota-se o emprego da semiologia para perceber os sinais dos elementos das linguagens visuais dessas publicações e os conceitos de dois autores de referência no campo da sociologia do corpo: David Le Breton e Bryan S. Turner. O presente texto é um resumo da monografia de final de curso apresentada para obtenção de grau na disciplina eletiva “Tópicos Especiais em Sociologia – curso Sociologia do Corpo” oferecida em 2013/02 pelo PPGSA no âmbito da pesquisa de tese que desenvolvo com o tema moda praia sob orientação da Prof^a. Dra. Maria Cristina Volpi Nacif na linha de pesquisa Imagem e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRJ.

ANÁLISE DE DOIS CATÁLOGOS DE MODA PRAIA VERÃO 2014: BLUEMAN E LENNY NIEMEYER

Tratam-se de duas publicações distribuídas aos clientes que frequentam as respectivas lojas e que contém em suas páginas um editorial de moda com fotografias das peças da coleção de alto verão da estação vigente. Nos dois catálogos, nas últimas páginas, há imagens pormenorizadas de todos os produtos que irão ser comercializados com alguma outra informação de referência e o endereço das lojas no Brasil. A ficha técnica dos produtores desses impressos de divulgação também pode ser encontrada ali.

No caso da **BlueMan**, a capa contém uma modelo de perfil, de corpo moreno e esguio, cabelos compridos e soltos, que se apóia com ambas as mãos em uma barra de ferro de um aparelho de ginástica ao ar livre, como um daqueles que podem ser encontrados na orla carioca, entre a areia e o calçadão. Cabeça, braços, tronco, cintura e quadril são vistos na imagem. Ao fundo, o mar azul da praia levemente desfocado, assim como o céu límpido e azul claro. Ela veste o biquíni “New Denim Jeans”, feito de brim de jeans¹, desfiado na calcinha e desfiado no sutiã.

Figura 1



Um texto na primeira página do catálogo pretende informar de forma resumida ao cliente a proposta de criação da marca para o verão. O texto está em letras brancas e impresso sobre uma imagem de um tecido de jeans claro, que percorre as duas páginas de fora a fora, com um discreto, porém não imperceptível “rasgo” e “furo” na página esquerda.

Verão 2014
O império tropical do Brasil.

Há cerca de 500 anos, o desembarque da civilização européia em terras tupiniquins dá início a uma nova estética: o “Barroco Tropical”.

Nesta estação, a ordem do imperador é misturar a natureza exuberante dos trópicos com a arquitetura e os azulejos portugueses, assumindo uma identidade brasileira maximalista.

As estampas exclusivas, que continuam fazendo a história da BLUEMAN, ganham novo tom dramático e elegante, ao mesmo tempo; ora na transparência e na fluidez da seda, ora nos ombros estruturados dos maiôs.

Cada vez mais democrática, na areia ou no pós-praia, a marca imprime em cada peça o lifestyle do Rio – irreverente criativo, relax.

O resultado de toda essa mistura de referências é uma coleção inovadora, rica em formas, cores e efeitos visuais, com uma pitada do clássico savoir-faire carioca.

Depois dessas páginas podem ser vistas ao todo 24 fotografias, algumas em páginas duplas, outras ocupando cada uma apenas uma página. O cenário do ensaio compreende principalmente a praia de Ipanema, sua areia, seu mar e a avenida em frente à praia, totalizando 15 de 24 fotos. Também há outras 9 onde os modelos encontram-se próximos de algumas fachadas arquitetônicas de casas do início do século XX típicas da cidade, becos e lajes de moradias que lembram o bairro de Santa Teresa ou o bairro da Saúde, na região portuária da cidade. A imagem da contra-capa do catálogo é de um torso de homem moreno, magro e musculoso, que veste uma das sungas propostas para o público masculino da marca, e atrás de seu corpo, compondo o fundo, vê-se o mar e o céu desfocados como na capa da imagem feminina.

Nas fotografias podemos ver modelos jovens, esguios, morenos. Moças de cabelos compridos e lisos. Rapazes magros e levemente musculosos. Comportam-se como se estivessem de fato aproveitando o dia à beira-mar. Gestos como mãos nos cabelos, caminhadas despreziosas na areia, duchas no chuveiro da praia, travessias na faixa de pedestres, objetos como prancha de surfe, bola de futebol e raquete de frescobol são signos do comportamento de quem vai à praia no Rio de Janeiro. Abraços entre moças e rapazes, sugerem ainda a “paixão de verão”. A presença do Cristo Redentor ao fundo da fotografia n. 23 assim como uma fotografia extra do Morro Dois Irmãos entre as de n. 13 e 14 reforçam a identidade carioca da marca de moda-praia. Os gestos dos modelos e a expressão de suas faces remetem a um caráter sensual, que podem ser vistos através de bocas semicerradas, olhares e sorrisos misteriosos, assim como suas posturas

eretas, cheias de si. Na fotografia n.17 sugere-se que um rapaz paquera uma moça através de uma janela, que no imaginário pode ser compreendida como sua namorada, colega ou vizinha; admirando como ela ajeita seu cabelo e fecha os olhos diante da sacada da casa, portando apenas um biquíni de frente para a rua.

Pode-se concluir que a escolha dos modelos e o cenário estão afinados com a proposta da empresa em difundir uma imagem carioca de sua coleção. Os gestos nesses cenários indicam que os modelos, agora compreendidos como personagens da produção fotográfica, agem de forma natural, como se realmente frequentassem aquele lugar e vivessem os momentos que eles estão representando, não demonstrando nenhum esforço para que as imagens sejam concebidas. Contudo, o *casting* dos modelos não privilegiou sequer nenhum representante da cor negra, como também de pessoas bem claras de cabelos loiros, tampouco de estaturas mais baixas e silhueta mais encorpada, com excessos.

Já no caso da **Lenny Niemeyer**, da estilista paulista radicada no Rio de Janeiro Lenny Niemeyer², a coleção apresentada no catálogo demonstra uma atmosfera rústica e árida. O ensaio fotográfico contou com apenas um modelo num cenário sem praia, com vastas paisagens desérticas e montanhas solitárias ao fundo, o que leva a crer que se parecem com a paisagem característica do deserto do Atacama, com alguns poucos lagos e vegetações locais, de um céu azul límpido e sem nuvens.

A capa é totalmente branca, tendo na parte de baixo a imagem da logomarca da empresa seguida do nome (LENNY NIEMEYER) em cor preta. Na parte de cima há um recorte da página, como uma janela, que deixa aparecer a primeira fotografia do catálogo: uma imagem pequena, horizontal, alongada, como uma tela de televisão ou de cinema. Vê-se uma paisagem e a modelo em pé, à extrema direita da foto. A modelo é alta e esguia, branca, de cabelos loiríssimos, bem claros, quase brancos, e de olhos claros, como uma mulher sueca, tipicamente loira. Está de frente e seus pés parecem afundados no lago presente na imagem. Atrás de si, um pouco da paisagem desértica da junção entre vegetação rasteira e areia com o horizonte infinito, continuado pelo céu azul em um *dégradé* de tons. Ela veste um maiô da cor

preta, com um decote profundo e com um acessório de cinto dourado na cintura. O reflexo de sua silhueta pode ser visto na água do lago.

Figura 2



As imagens que se seguem não fogem do padrão apresentado na imagem da capa: a modelo permanece sozinha, interagindo consigo mesma, variando apenas as poses por conta das peças de roupas e algum detalhe da paisagem, como a vegetação, as pedras, a areia. Do mesmo modo parece proceder o enquadramento das fotografias que permite em alguns momentos a presença das montanhas ao fundo bem desfocadas. A maquiagem não quer dar destaque à boca, nem aos olhos, os cabelos chamam mais atenção. Sua pele foi sutilmente trabalhada na maquiagem, com um tom bronzeado bem discreto e uniforme. Sua figura lembra um manequim, como na obra da artista francesa Valérie Belin³, que faz ilusões fotográficas ora com manequins, ora com modelos reais, de carne e osso, conforme a Fig. 3:

Figura 3



ALGUMAS QUESTÕES DA SOCIOLOGIA DO CORPO POR DAVID LE BRETON

“A sociologia do corpo” é uma obra introdutória sobre o tema. Durante todo o livro, são citados muitos autores que tratam do assunto nos últimos

anos. Em sua maioria são autores franceses, mas há também outros autores europeus e também autores americanos. O texto é escrito de forma clara e concisa, de forma fluída e direta. Aqui interessam-nos as reflexões e conceitos contidos nos capítulos VI (principalmente este) e VII.

Logo no início, à página 13, na introdução, chama a atenção o seguinte trecho, transcrito aqui:

Para empreender uma análise sociológica é conveniente desconstruir a evidência primeira que está ligada às nossas representações ocidentais do corpo, para melhor elaborar a natureza do objeto sobre o qual o pesquisador pretende exercer a compreensão.

Parece crer que seja um conselho a ser seguido antes de iniciar qualquer estudo sobre o corpo, visto que existem fronteiras culturais entre o ocidente e o oriente no uso e na significação corporal.⁴

Dentro do capítulo VI - Campos de pesquisas 3: O corpo no espelho social, no início, o autor afirma que “O corpo também é, preso no espelho do social, objeto concreto de investimento coletivo, suporte de ações e de significações, motivo de reunião e de distinção pelas práticas e discursos que suscita.”. Esta ideia resume a compreensão que os homens têm sobre o seu corpo, imprimindo nestes significados e usos, de acordo com sua cultura, religião, gênero e faixa etária. No entanto poder-se-ia dizer também que o corpo espelha um caráter social, daquilo que é elaborado na mente de quem o possui. E de maneira recíproca o uso e os cuidados, ou não, se refletem na mente. A célebre frase “Corpo são mente sã”, que se tornou dito popular, e seu significado senso-comum, é um dado de como esse conceito é próximo. No tocante à reunião e distinção pelas diferenças corporais, exemplos podem ser dados pelos crescentes casos de *bullying* noticiados pela imprensa, onde o preconceito é posto à tona e sua manifestação coletiva atinge níveis de desrespeito infinitos, inclusive de ameaças físicas e psicológicas, potencializadas pelos recursos de informação e transmissão como é o caso da Internet e do celular.

Em seguida, o autor começa a fazer considerações sobre as aparências, dizendo que estas práticas estão relacionadas às formas de se apresentar e se representar no mundo por parte do indivíduo. O texto é claro e direto que, se fosse usual, todos os trechos seriam transcritos. Mas de

maneira geral esse assunto se correlaciona com o comportamento do indivíduo e o uso do seu corpo perante os demais. O jeito de se vestir, o pentear os cabelos, a maneira de ajeitar o rosto, de cuidar do corpo, que o autor denomina de “(...) a maneira quotidiana de se apresentar socialmente, conforme as circunstâncias, através da maneira de se colocar e do estilo de presença.” (p.77).

Logo, a maneira de se vestir é aqui nesse trabalho científico o processo a ser observado nos indivíduos. Adiante, Le Breton fala que a aparência primeiramente relaciona-se com as “modalidades simbólicas de organização sobre a égide do pertencimento social e cultural do ator⁵” (p. 77), que tem conexões ligadas aos efeitos de moda. Em segundo lugar, a questão física do indivíduo, compreendida como peso, altura, qualidades estéticas, que influenciará os usos do corpo. Nesse trecho da argumentação, o autor faz um comentário sobre a prática da aparência, banalizada mundialmente pela incessante busca pelo *look* ajustado, conforme as crenças da sociedade, exemplificado na forma de uma publicidade de si mesmo, praticado pelas pessoas de vida pública como os políticos, como uma forma de se aproximar de seus eleitores.

Código moral das aparências – um tema polêmico que o sociólogo relaciona com o olhar apreciativo do outro, que julga o indivíduo através da aparência,

(...) conforme o aspecto ou o detalhe da vestimenta, conforme também a forma do corpo ou do rosto. Os estereótipos se fixam com predileção sobre as aparências físicas e as transformam naturalmente em estigmas, em marcas fatais de imperfeição moral ou de pertencimento de raça. (p.78)

Atitude muitas vezes perversa, causadora de cisões entre grupos de pessoas, geração de preconceitos, rupturas, barreiras. Como também artifício para um código moral, onde vestir-se de determinada maneira passa a impressão, ou a ideia de um certo comportamento, sem que antes as pessoas precisem interagir, fazendo inclusive que se possa passar por alguém que não se é. Isso caracteriza o estigma dos estereótipos.

Le Breton continua seu pensamento analítico, falando do mercado, sistema que injeta artifícios de renovação da imagem, mantendo e valorizando as aparências:

Roupas, cosméticos, práticas esportivas, etc., formam uma constelação de produtos desejados destinados a oferecer a “morada” na qual o ator social toma conta do que demonstra dele mesmo como se fosse um cartão de visitas vivo.

E em seguida, à mesma página 78, argumenta que:

Lugar privilegiado do bem-estar e do parecer bem através da forma e da manutenção da juventude (frequência nas academias, ginástica, *body building*, cosméticos, dietética, etc.), o corpo é objeto de constante preocupação. Trata-se de satisfazer a mínima característica social fundada na sedução, quer dizer, no olhar dos outros. O homem mantém com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção, extremamente maternal, da qual retira um benefício ao mesmo tempo narcíseo e social, pois sabe que, em certos meios, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos dos outros. Na modernidade, a única extensão do outro é frequentemente a do olhar: o que resta quando as relações sociais se tornam mais distantes, mais medidas.⁶

Sinais típicos da sociedade ocidental onde o culto ao corpo é assunto todo o tempo, principalmente na mídia, influenciando papéis de comportamento corporal representativos de uma vida de sucesso e de uma trajetória bem-sucedida. Programas de televisão, revistas, anúncios publicitários, entre infinitos exemplos, impõem aos indivíduos um padrão de aparência aceitável no meio do caldeirão de possibilidades de vida e de expressão do ser humano.

Vimos então que em apenas duas páginas Le Breton aciona os conceitos-chave pretendidos por esse trabalho. Nas páginas seguintes, como em quase todo o livro, o sociólogo faz um panorama das reflexões publicadas por outros estudiosos.

BRYAN S.TURNER E SUAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO E A SOCIEDADE

Do livro “Body and Society” destacamos o capítulo Sociology and the Body. Neste capítulo Bryan Turner faz um panorama de todas as correntes de pensamento e seus respectivos autores que pensaram a questão sociológica do corpo durante o desenvolvimento dessa nova ciência ao longo do século XX.

Em subcapítulos, B. Turner lista as contribuições teóricas de Michel Foucault, a Escola de Frankfurt, centrando em Herbert Marcuse e demais filósofos, o Estruturalismo, a Fenomenologia. Também cita o domínio que exerceu a Igreja na condenação do corpo através de seus doutores e cânones, comparando essa postura com a cultura grega, lida nas lições de

seus deuses mitológicos como Apolo e Dionísio. Destaca ainda Michel Foucault como o precursor de estudos sobre o corpo e faz comparações analíticas entre suas abordagens e as de Herbert Marcuse.

O autor enfatiza quatro eixos essenciais de compreensão dos processos sociológicos do corpo, onde esse método envolve a análise histórica da organização espacial do corpo e do desejo em relação com a sociedade e a razão. O primeiro eixo é estabelecer que o corpo faz parte simultaneamente do meio-ambiente, da natureza, como também faz parte do *eu*⁷, ou seja, elemento constitutivo da cultura. Como exemplo são as demandas fisiológicas do corpo que caracterizam-no como a organização interna do corpo, como um sistema interno desse meio-ambiente⁸. O segundo eixo é, trazido das reflexões de Michel Foucault, o esclarecimento entre a distinção entre o corpo das nações e o corpo dos indivíduos. Nas culturas ocidentais têm sido comuns as práticas regulatórias dos hábitos corporais e sexuais dos indivíduos, exemplificados no texto como nos aspectos regulatórios com relação ao aborto, à homossexualidade, à prostituição, por exemplo. O terceiro eixo está relacionado com a dicotomia entre os gêneros, visto que em um aspecto histórico e principalmente político, a noção de corpo torna-se metáfora no *patriarcado*, que carrega o sentido do Adão, do Rei, do Pai, aquele que veio antes da autoridade, e da herança da moralidade dependem todos os seus descendentes, definida como os direitos e as obrigações. Finalmente o quarto eixo defende a hipótese de que o *eu*, no corpo individual, só é legítimo na sua performance, ou seja, quando se manifesta no cotidiano, em todas as suas instâncias, permitindo uma análise mais abrangente da noção do corpo e seu comportamento na sociedade.⁹

RELACIONANDO OS AUTORES E AS EXPRESSÕES DAS DIVERSIDADES E DESIGUALDADES SOCIAIS NA ANÁLISE DOS CATÁLOGOS DE MODA-PRAIA DO VERÃO DE 2014

Daniela Calanca, em “História Social da Moda” (2008) nos ensina que a indumentária é um precioso objeto de pesquisa, porque este pode nos proporcionar um discurso histórico, econômico, etnológico e tecnológico. Além disso, a moda também pode ser compreendida como um sistema de signos por meio do qual seres humanos delineiam sua posição no mundo e a

sua relação com ele. Dito isto, é chegado o momento de relacionar a análise dos catálogos com os conceitos trazidos pelos estudiosos da Sociologia do Corpo, no âmbito das expressões das diversidades e desigualdades sociais que esse artigo se propõe.

Tanto em Le Breton como em Bryan, podemos ler a relação do corpo com o aparecer e estar no mundo, através do vestir-se (Le Breton) ou de sua performance (Turner). Da mesma forma Calanca, quando afirma que a moda pode ser compreendida como um sistema de signos por meio do qual seres humanos delineiam sua posição no mundo, podemos entender que o vestir-se e o ser no mundo podem passar pelos processos da moda, para qualquer indivíduo, seja em menor ou maior grau. De modo geral, a cada coleção, os catálogos de moda apresentam conceitos novos de vestir e de ser, assim como as vitrines das lojas e os sítios eletrônicos da Internet das respectivas lojas são a porta de entrada para que os indivíduos conheçam as novidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dois casos, Blueman e Lenny, experimentamos dois exemplos conceituais de uma moda para a praia. O primeiro tenta se aproximar de uma performance carioca de ser, enfatizando estereótipos e fazendo distinções (Le Breton) entre aquilo que não foi contemplado nas imagens, como pessoas negras, loiras, de estaturas e corpos diferentes dos modelos esguios, e paisagens como o Piscinão de Ramos, as praias da Zona Oeste e as favelas pacificadas da atualidade, tão evocadas em campanhas publicitárias¹⁰. O segundo catálogo, embora contemple o destaque para uma moda-praia de características de *alta-costura*, representa suas clientes com uma modelo de corpo físico ainda mais distante da realidade brasileira, ou seja, de seu meio-ambiente original que é o Brasil, (natureza/cultura - Turner). Sabe-se que a marca exporta para diversos lugares do mundo parte de sua produção, e talvez aqui o intuito seja uma representação globalizadora da mulher que veste Lenny. Outro dado que chama a atenção é o fato da retirada do indivíduo, a modelo, do seu meio-ambiente natural e transportado para um cenário etéreo, desértico e seco, onde ele pode tampouco interagir e se relacionar (performance – Turner), tornando sua permanência nesse lugar um momento de introspecção e solidão. Valores

muito opostos às qualidades do verão, de quem curte estar à beira-mar, como é o caso do catálogo da Blueman, que explorou muito bem a performance do estar à praia. Nesse caso, temos então novamente o elemento da distinção, onde é possível afirmar que a moda de Lenny é para uma mulher única, distinta das demais, de um outro lugar, diferente dos outros, enfatizando a questão do eu/self.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas:

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: SENAC, 2008. 227 p.

DISITZER, Marcia. **Um mergulho no Rio: 100 anos de moda e comportamento na praia carioca**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012. 358 p.

GOMES, Renata Vellozo. “As imagens de cinejornais da Agência Nacional – um passeio pelos anos 50.” In: FERREIRA, Renata dos Santos (org.). **Recine n. 10: Rio de Janeiro, capital do cinema**. Revista do Festival Internacional de Cinema de Arquivo. Arquivo Nacional do Brasil, Imprensa Nacional, 2013. p. 64-69

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M.S. Fuhrmann. 3ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 101 p.

TURNER, Bryan S. **The Body and Society: Explorations in Social Theory**. Segunda edição. London: Sage Publications, 1999. *Sociology and the Body*. p. 60-82. (Em tradução livre para o português.)

Documentos iconográficos:

AZULAY, Sharon. Catálogo da coleção alto verão 2014. BlueMan. Rio de Janeiro, 2013.

BELIN, Valérie. **Sem título, n. 4**, da série Manequins. 2003.

NIEMEYER, Lenny. Catálogo da coleção alto verão 2014. Lenny Niemeyer. Rio de Janeiro, 2013.

Exposições:

ELLES: Mulheres artistas na coleção do Centro Pompidou
De 24 de Maio a 14 de Julho de 2013
Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB/RJ

¹ Segundo a jornalista Márcia Disitzer em “Um mergulho no Rio – 100 anos de moda e comportamento na praia carioca” (2012), na primeira metade da década de 1970, o fundador da BlueMan, David Azulay, criou o primeiro biquíni feito de brim de jeans, tecido descrito pela autora como “tecido símbolo da juventude que ansiava por liberdade e mudança” (p. 198). Morto em 2009, essa vanguarda mundial é recriada em 2013 por seu sobrinho Thomaz Azulay, um dos responsáveis pela criação da coleção presente no catálogo analisado e um dos herdeiros da BlueMan. Naquela época, David Azulay ainda protagonizaria uma segunda vanguarda: a do biquíni de lacinho. Como consta em depoimento dado à ex-modelo Betty Lago em um programa do canal de TV à cabo GNT, Thomaz conta que como o brim era um tecido pouco maleável, muitos deles não passavam da canela das moças no momento de vestir, e então as peças foram devolvidas às lojas. O estilista, com um problema nas mãos, resolve cortar as tiras da cintura, proporcionando as mulheres o ajuste da calcinha feito através de laços com essas tiras, de um lado e de outro, conforme a anatomia de cada uma. Depois dessa invenção, o estilista foi amplamente copiado e esse modelo nunca mais deixou de ser fabricado.

² De acordo com DISITZER (2013), p. 249-250, nos anos 1990 Lenny Niemeyer começou a criar os próprios maiôs e biquínis como alternativa para oferecer peças originais para ofertar às suas conhecidas de São Paulo, que pediam da amiga paulista, agora residente no Rio de Janeiro, modelos cariocas. Essa prática artesanal foi se aperfeiçoando e se tornou uma empresa nacional e internacionalmente conhecida. Suas inovações técnicas caracterizam-se por inserções de acessórios costurados às peças, dando um ar mais sofisticado, assim como roupas denominadas pós-praia para que as mulheres pudessem estar bem-vestidas em qualquer ocasião, mesmo portando maiô e biquíni. Em suas palavras: “(...) Resolvi criar roupas para quem desejasse emendar um programa depois do sol, e optei pelas fibras naturais, como algodão, a seda, e o crepe georgette, tecidos mais adequados ao calor do Rio”

³ Seu trabalho pôde ser visto no Rio de Janeiro na exposição: **ELLES: Mulheres artistas na coleção do Centro Pompidou** que ficou em cartaz no CCBB do Rio de Janeiro de 24 de Maio a 14 de Julho de 2013.

⁴ Sem colocar à tona as diferenças entre as mais diversas sociedades, inclusive dentro do contexto ocidental.

⁵ Aqui preferimos adotar o termo indivíduo, enquanto que David Le Breton utiliza ator.

⁶ Observação: O grifo é nosso.

⁷ *self*

⁸ *Internal environment.*

⁹ Referências ao interacionismo simbólico de G. H. Mead, onde o corpo e o *eu* podem ou não ser dissociados. Referência à Sociologia do Corpo proposta por Goffman.

¹⁰ C.f. anúncios da Coca-Cola para a Copa do Mundo FIFA 2014 que contemplam esses lugares.